

Trajetórias Cogepe



ALINE DA SILVA FREITAS

Analista em gestão da Escola Corporativa

Aline da Silva Freitas tem 37 anos e está na Fiocruz há quase 21. Ela entrou na instituição em 2004, com apenas 16 anos, pelo Programa Jovem Aprendiz, viabilizado por meio de uma parceria com a Associação São Martinho. A iniciativa, coordenada pela então Diretoria de Recursos Humanos (Direh), era oportunidade para meninos e meninas que circulavam pelo campus em uniformes verdes e com os olhares atentos a todo o conhecimento ali adquirido. “Ela era aberta a jovens de comunidade, e por eu morar na época em Mangueiras, eu tive acesso a essa informação”. A jovem aprendiz cresceu, se graduou em Recursos Humanos, fez pós-graduação em Gestão Pública e, hoje, trabalha na Escola Corporativa Fiocruz.



Quando você entrou na Fiocruz?

Eu ingressei na instituição em 2004, por meio de um projeto chamado Jovem Aprendiz, parceria com a São Martinho. Eu encaminhei o meu currículo e fui chamada para o processo seletivo. Tinha umas 20 pessoas, cinco vagas e uma foi a minha. Eu passei por uma seleção, fiz entrevista e entrei na Fiocruz.

Como é que você ficou sabendo dessa oportunidade na Fiocruz?

Ela era aberta a jovens de comunidade, e por eu morar na época em Mangueiras, eu tive acesso a essa informação. Eu já queria trabalhar, já estava buscando um emprego ainda menor, com 16 anos, era minha iniciativa, meu interesse. E eu consegui.

O que você sabia da Fiocruz naquela época?

Eu sabia um pouco da história da Fiocruz, de Oswaldo Cruz. Eu estudei em colégio público municipal, e o nome dele era em homenagem a Oswaldo Cruz. Anualmente, nós fazíamos visitas ao castelo da Fiocruz. Eu também frequentava a biblioteca, que era aberta ao público. Eu fazia meus trabalhos da escola lá.

E por eu ser moradora, dependia de algumas ações de saúde da Fiocruz. Minha família era toda cadastrada nos postos de saúde da Ensp. A gente já tinha esse acolhimento de saúde. Eu só não sabia que eu trabalharia na instituição, mas eu já usufruía dos serviços da Fundação.

Conta um pouco sobre sua trajetória na Fiocruz?

No início do projeto, eu trabalhei na Diretoria de Planejamento Estratégico – Diplan (atual Cogeplan). Lá, eu dava apoio e suporte à Administração e à Secretaria. A partir dali eu iniciei a minha graduação em RH. Quando me formei, eu tive a oportunidade de ir para Direh, que hoje é a Cogepe. O primeiro local em que trabalhei foi no Direh Atende, que ainda é o canal de porta de entrada dos servidores, trabalhadores, funcionários da instituição. Nós tínhamos todo um apoio e um aprendizado sobre o Manual do Servidor, que era a nossa bússola. A intenção da diretoria da época era que todas as dúvidas dos trabalhadores se concentrassem no atendimento oferecido pelo Direh Atende. Nós éramos treinadas pelas áreas. Eu tinha uma relação muito boa com todas as áreas da

Cogepe porque precisava entender como funcionava o trabalho de cada uma. Nós precisávamos filtrar as ligações recebidas para que o atendimento às demandas não interrompesse o trabalho das áreas. Cerca de 70% das dúvidas eram sanadas no atendimento direto, sem passar pelas áreas, somente usando as informações do Manual do Servidor. Nós tínhamos muitos atendimentos presenciais. Nós tínhamos três canais: presencial, telefone e e-mail. Mas a procura maior era presencial.



Você foi uma das pioneiras da Escola Corporativa. Como isso começou?

Sim, nós éramos quatro no início da Escola: Carla, Luiz, Adélia e eu. Tudo começou quando eu fui trabalhar no Serviço de Capacitação (Sercap) da então Direh, para atuar na área de secretaria e administração. Eu era a secretária da Carla e do Serviço. Eu cuidava da agenda da equipe da Carla e dava apoio aos cursos de desenvolvimento dos servidores da Direh.

Junto com o Plínio (dos Santos Souza), apoiava na abertura de processos de compra de curso, apoio aos eventos, quando os cursos era in company, a gente fazia toda a logística dos cursos in-company. Meu dia a dia era bem corrido no Sercap porque também eu dava apoio para Andréa, que coordenava o Departamento. Nessa época, começou todo o debate em torno de assédio moral, e Andréa era responsável por essa pauta, e fazíamos as capacitações. Eu dava apoio a ela nas emissões de certificado, lista de presença, reserva de sala.

O Sercap se tornou a Escola Corporativa Fiocruz, quando da criação do Programa de Desenvolvimento Gerencial (PDG). Na época, eu me lembro do desafio de mudar para o prédio da Expansão (campus Maré). A equipe ficou dividida, uns trabalhando no Quinino e outros na Expansão. Antes nós atendíamos as capacitações internas da unidade e hoje a gente atende toda a Fiocruz.



Como a Fiocruz marca a sua história?

Eu acho que é uma oportunidade que eu tive. **Uma jovem periférica ter uma oportunidade em uma instituição reconhecida mundialmente. A Fiocruz mudou a minha vida. Hoje, eu sou mãe, tenho dois filhos e eu tento passar para eles tudo o que eu aprendi na Fiocruz. A Fiocruz mudou minha história. As pessoas do trabalho, o conhecimento, a Fiocruz incentiva você a ter conhecimento, a estudar. Isso muda a vida. Antes, de repente, eu não teria tanta expectativa na vida. Hoje, eu tenho, eu sei que eu posso ir além daquilo que havia sido planejado.**



Quem é a Aline fora da Fiocruz?

A Aline fora da Fiocruz é a mãezona protetora do Tiago e da Rebeca, muito responsável e que ama viajar. Eu amo a praia e gosto de ter o meu momento.

Na Escola, você trabalha com capacitação, educação corporativa... E fora você se capacita?

Eu estou fazendo um MBA em Gestão de Projetos. O curso é EAD, que foi uma oportunidade que achei para conciliar minha vida: família, casa, trabalho e faculdade. Quando migramos para a Escola, eu já trazia a experiência de trabalhar em secretaria, mas também adquiri aprendizado nas atividades de administração, desenvolvimento de projetos.

Conta um pouquinho sobre o que você faz hoje?

Hoje, as minhas atividades são voltadas para dar suporte à Escola Corporativa, que é viabilizada como um projeto da Fiotec: planejamento estratégico do projeto, elaboração de propostas orçamentária e acompanhamento de execução financeira. Eu cuido da parte dos sistemas eletrônicos, que é vinculado ao sistema dos projetos, elaborando cronograma de desembolso e acompanho os bolsistas. Todo o suporte

à coordenação, eu faço. E dentro dessa atividade tem toda a parte logística de pagamento como emissão de passagem, diárias, contratações diversas, planejamento de desembolso, enfim, todo o apoio ao projeto.

Onde você quer chegar profissionalmente?

Eu vislumbro ser servidora da Fiocruz. Por toda a minha trajetória, eu já usei os serviços da Fiocruz, estudei no Colégio Oswaldo Cruz, hoje trabalho na Fiocruz, me vejo servidora da Fiocruz. Estou na expectativa de um próximo concurso.



Entrevista: Gianna Pontalti
fotos: Arquivo pessoal
Diagramação: Marina Sirito
Revisão: Thayssa Taranto
Edição: Eduardo Müller